

# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

# 4

**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)



# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

# 4

**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

E24 A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-527-3

DOI 10.22533/at.ed.273200311

1. Educação. 2. Política. 3. Economia. 4. Ciência e Cultura.. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que inter cruzam e implicam ao contexto educacional. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros, como os compõe essa obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

Portanto, as discussões empreendidas neste volume 04 de “***A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências

e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **EDUCAÇÃO E POLÍTICA: UMA REVISÃO SOBRE PEDAGOGIA DEMOCRÁTICA**

Wesley Pinto Hoffmann  
Raquel Aparecida Loss  
Claudineia Aparecida Queli Geraldi  
Sumaya Ferreira Guedes  
Juliana Maria de Paula

**DOI 10.22533/at.ed.2732003111**

### **CAPÍTULO 2..... 10**

#### **ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Isabela Einik  
Márcia Adriana Dias Kraemer  
Pamela Tais Clein Capelin

**DOI 10.22533/at.ed.2732003112**

### **CAPÍTULO 3..... 28**

#### **O GESTOR ESCOLAR E A EJA COMO DIREITO: IMPASSES COMO DESAFIOS DA FORMAÇÃO**

Maria Angélica de Souza Felinto  
Antonio Amorim

**DOI 10.22533/at.ed.2732003113**

### **CAPÍTULO 4..... 42**

#### **O “HTPC VIRTUAL” COMO REDE COLABORATIVA DE APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE - TRANSPONDO DESAFIOS E CONSTRUINDO APRENDIZAGENS**

Lucia Helena Carvalho Gonzalez  
Jaqueline Cabral Alves Dornelas  
Solange Cabral Alves  
Raquel Caparroz Cicconi Ramos  
Karen Keller  
Ivan de Carvalho  
Elisabeth dos Santos Tavares

**DOI 10.22533/at.ed.2732003114**

### **CAPÍTULO 5..... 59**

#### **“A UNIVERSIDADE SOMOS NÓS”: A GESTÃO DE DELZA GITAÍ, PRIMEIRA REITORA DA UFAL, 1987-1991**

Giovanni Torres Apratto Lopes

**DOI 10.22533/at.ed.2732003115**

### **CAPÍTULO 6..... 64**

#### **PROJETO SOCIAL VIVAVÔLEI MARCELLE/UFLA – 2019: ATUANDO NO**

## DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE DE LAVRAS/MG

Joice Benedita Silva  
Amanda Siqueira de Castro  
Camila Mariana de Lima  
Gustavo Belarmino da Costa  
Vinícius Manoel Cândido Neves  
Marcelo de Castro Teixeira

**DOI 10.22533/at.ed.2732003116**

### **CAPÍTULO 7..... 73**

#### **HABITUS PROFESSORAL E ALTERIDADE NA TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA**

Gustavo Henrique Gonçalves Maria

**DOI 10.22533/at.ed.2732003117**

### **CAPÍTULO 8..... 83**

#### **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Antônio Carlos Pereira dos Santos Junior  
Maria Aparecida da Silva  
Maria do Horto Salles Tiellet

**DOI 10.22533/at.ed.2732003118**

### **CAPÍTULO 9..... 98**

#### **EDUCANDO PARA SAÚDE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Andréia Farias de Jesus  
Cassio Murilo Lima do Carmo  
Tatiane dos Santos Moreira

**DOI 10.22533/at.ed.2732003119**

### **CAPÍTULO 10..... 102**

#### **APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO, OU COMPETÊNCIAS? CURRÍCULOS OFICIAIS EM ANÁLISE (2010 E 2017)**

Natália Rubert Wolff Camy  
Fabiany de Cássia Tavares Silva

**DOI 10.22533/at.ed.27320031110**

### **CAPÍTULO 11..... 114**

#### **INICIAÇÃO CIENTÍFICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TRAJETÓRIAS ESCOLARES**

Shirley de Lima Ferreira Arantes  
Diego Alves Simão  
Petúnia Caroline de Sousa  
Bruno Otávio Arantes

**DOI 10.22533/at.ed.27320031111**

<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>126</b>
COMO O CÉREBRO APRENDE?	
Beatriz Cassol	
Cristiane Beatriz Dahmer Couto	
Viktória Eduarda Canas de Siqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031112</b>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>131</b>
PERTINÊNCIAS DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA	
Sílvio Memento Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031113</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>142</b>
CURSOS DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO INOVADOR	
Ana Augusta da Silva Campos	
Maria Fabiana Braz Laurentino	
Jacinta de Fátima Martins Malala	
José Orlando Costa Nunes	
Vagner Miranda de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031114</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>148</b>
NO CAMINO DOS GRADUADOS	
Vivian Aurelia Minnaard	
Guillermina Riba	
Mercedes Zocchi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031115</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>155</b>
CRECHE E PRODUÇÕES DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS	
Aida Brandão Leal	
Bruna Ceruti Quintanilha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031116</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>171</b>
POR UMA EDUCAÇÃO CRIATIVA: A ESCOLA COMO AMBIENTE FAVORÁVEL À CRIATIVIDADE	
Ulisses Pereira de Carvalho	
Ciro Inácio Marcondes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031117</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>181</b>
“A RAINHA DESTRONADA: MÃE PARALÍTICA NO TEATRO DAS URNAS”	
Alisson Santos Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031118</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
JOVENS “BALADEIROS” E “ESTUDIOSOS”: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E TRAJETÓRIA ESCOLAR	
Marcella da Silva Estevez Pacheco Guedes	
Marcio da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>209</b>
FORMAÇÃO DOCENTE – REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Crisitiane de Almeida Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>226</b>
ESCREVER, PARA QUÊ?	
Francisca Edvania Tavares	
Francisca Moreira de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>233</b>
REDAÇÕES NOTA MIL DO ENEM 2017: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Verônica Mendes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>246</b>
O TESTE CLOZE COMO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO EM COMPREENSÃO LEITORA NO NÍVEL MICROTTEXTUAL	
Vanessa de Oliveira Silva Ferraz Cabral	
Maria Inez Matoso Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031123</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>258</b>
A POESIA NA SALA DE AULA: POESIA E LIRISMO EM VERA ROMARIZ	
Camila Maria Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031124</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>265</b>
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PRELIMINAR SOBRE O CONCEITO <i>STORYTELLING</i> COMO PARTE DE PESQUISA EM IMPROVISACÃO MUSICAL	
Rafael Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031125</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>276</b>
PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO MUSICAL	
Tiago Vidal Corrêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031126</b>	

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>287</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>288</b>



# CAPÍTULO 16

## CRECHE E PRODUÇÕES DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS

*Data de aceite: 03/11/2020*

*Data de submissão: 10/09/2020*

### **Aida Brandão Leal**

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Prefeitura Municipal de Rio Novo do Sul – ES  
<http://lattes.cnpq.br/6085209776026365>

### **Bruna Ceruti Quintanilha**

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)  
Subsecretaria de Políticas sobre Drogas do  
estado de Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/8109621874131636>

**RESUMO:** Este artigo analisa acerca da educação infantil do campo e suas desigualdades de acesso à primeira etapa a partir do processo de implantação da Creche Vovó Jozina, situada em área rural. Esta pesquisa teve o propósito de conhecer os impactos e significados que a creche produziu na vida das famílias, para isso foram feitas entrevistas com mães de ex-alunos. A partir da análise dessas entrevistas, infere-se que a creche se tornou um espaço de integração, permitindo favorável desenvolvimento para crianças, especialmente a habilidade de socialização; proporcionou apoio às famílias para cuidar de suas crianças, bem como ampliou as possibilidades e condições de trabalho e renda para as mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Educação Infantil do Campo. Vínculos Sociais.

### CARE CENTER AND PRODUCTIONS OF COMMUNITY BONDS

**ABSTRACT:** This paper analyzes the education of children in the countryside and the inequalities on access to the preschool on the process of implementation of the Creche Vovó Jozina, located in rural area. This research had the purpose of knowing the impacts and meanings that the nursery produced in the life of the families, for which interviews were made with mothers of former students. From the analysis of these interviews, it is inferred that the day care center became an integration space, allowing development for children, especially the ability to socialize; provided support to families to care for their children, as well it expanded possibilities and conditions of work and income for women.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education. Infantile Education in countryside. Social bonds.

### INTRODUÇÃO

A Creche em que realizamos este estudo, situa-se em território Rural, de um município localizado na região sudeste do Brasil. Tal região manifesta as desigualdades presentes no campo. A implementação da Educação Infantil se tornou uma possibilidade recente para crianças de zero a três anos desta região, pois só passou a ser desenvolvida a partir do ano de 2015. Além disso, há ainda ausência de transporte público, revelando as peculiaridades das relações de pobreza, desigualdade social e ausência de serviços públicos na área rural.

No referido município, a oferta de creche para a população rural encontra-se em processo de implantação, sendo esta a primeira e a única deste município.

A creche em seus primórdios estava vinculada ao afastamento da mulher do lar para trabalhar, por isso, surgiu a necessidade de instituições que pudessem prestar os cuidados maternos às crianças. A legitimidade da prestação de cuidados às crianças fora do ambiente familiar foi se desenvolvendo também a partir das preocupações com a infância pobre e o crescente reconhecimento de maus tratos e mortalidade infantil.

Didonet (2001) aponta que, historicamente, as creches foram criadas para o cuidado de crianças pequenas, as quais as mães saíam para trabalhar, logo, tais instituições estão relacionadas ao trabalho extradomiciliar da mulher. Segundo o mesmo autor, atualmente ainda é o trinômio “mulher-trabalho-criança” que “determina grande parte da demanda, da organização administrativa e dos serviços da creche” (DIDONET, 2001, p.12). Pode-se considerar que este trinômio se inicia na era da Revolução Industrial (século XVIII), na Europa, período em que as mulheres começam a trabalhar nas indústrias; tal fato deflagra uma mudança no modo de educar e cuidar das crianças (DIDONET, 2001).

Mortalidade infantil elevada, desnutrição generalizada e acidentes domésticos passaram a chamar a atenção e despertar sentimentos de piedade e solidariedade de religiosos, empresários, educadores.... [...]. Foi por esse lado, ou seja, como problema, que a criança começou a ser vista pela sociedade... E com um sentimento filantrópico, caritativo, assistencial, é que começou a ser atendida fora da família (DIDONET, 2001, p.12).

A partir da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/1990), da Lei Orgânica de Assistência Social (Lei Federal nº 8742/1993) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/1996), o cuidado a crianças de zero a seis anos nas creches passou a ser desenvolvido sob novos parâmetros. Este passou a ter *status* de Educação Infantil, que se tornou direito para toda essa faixa etária, superando as perspectivas caritativas e assistencialistas, historicamente vinculadas à Creche.

Há grande distância, porém, entre as conquistas no âmbito legislativo e o acesso dessa modalidade de ensino para inúmeras crianças em nosso país. Luz (2006) aponta que a efetivação desse direito depende de recursos humanos e financeiros, pois promover o acesso universal e qualitativo à Educação Infantil demanda investimentos públicos neste setor.

Nunes; Corsino e Didonet (2011) apontam que o acesso à Educação Infantil para crianças de quatro a cinco anos é maior em comparação ao acesso à creche, que tem como público crianças de zero a três anos. Nos últimos anos, houve o

crescimento da frequência a creche, no entanto, “o acesso às creches ainda é desigual entre as crianças das diferentes regiões do país; entre as da zona urbana e da rural; entre as brancas e as negras ou as pardas; e entre as de famílias mais pobres e mais ricas” (NUNES *et al.*, 2011, p.60).

Didonet (2001, p.25) afirma que “a creche é uma instituição de cuidado e educação, funções essas realizadas simultaneamente pelos mesmos profissionais - por todos e cada um dos que interagem com a criança - em cada uma das atividades. ” Com isso, o autor aponta que não há diferenciação entre as atividades que são assistenciais ou educativas, logo, “não há atividades nobres (educar) e atividades “humildes” (dar banho, trocar fralda, servir a mamadeira) ” (DIDONET, 2001, p.25).

A partir do exposto pelos autores e também com base no previsto nas legislações vigentes (Lei nº 8069/1990; Lei Federal nº 8742/1993; Lei nº 9394/1996), a ampliação do acesso e da qualidade da Educação Infantil está pautada na perspectiva de proteção integral das crianças, por essa razão, a creche torna-se uma estratégia de garantia dos direitos humanos. Estes devem ser assegurados por meio de trabalhos pedagógicos desenvolvidos a partir da unidade do ato de cuidar e de educar. Ao cuidar e educar às crianças a creche torna-se um local que dá apoio às famílias para buscarem estratégias de geração de renda e trabalho, bem como, garantir uma alimentação favorável ao desenvolvimento das crianças, por exemplo.

No Brasil, a Educação Infantil encontra-se em processo de implantação e é marcada pelas desigualdades sociais presentes em nosso país, como por exemplo, as diferenças regionais, urbanas e rurais. O acesso tardio e reduzido à Educação Infantil na zona Rural apresenta particularidades e traços históricos que afetam o desenvolvimento das capacidades humanas e habilidades sociais, reduzindo, assim, as condições concretas para acessar e criar oportunidades, logo gerando impasses para superação das situações de pobreza e desigualdades sociais.

Rosemberg e Artes (2012) mostram que não só no Brasil as desigualdades entre área rural e urbana marcam a educação infantil, até mesmo nos países desenvolvidos os serviços públicos de pior qualidade são destinados para as crianças pobres e rurais. Percebe-se que as desigualdades sociais que atravessam a educação infantil situam-se na lógica capitalista de produção e reprodução da pobreza através das políticas públicas. Nesse sentido, as autoras ressaltam que “em países com desigualdades sociais intensas, as desigualdades que atingem a educação infantil são ainda mais intensas” (ROSEMBERG, ARTES, 2012, p.19).

As autoras Barbosa, Silva e Pasuch (2012), ao apresentarem pesquisas sobre Educação Infantil na área rural, afirmam que, no Brasil, as crianças pertencentes ao campo vivem processos de ocultamento, omissão e desigual acesso às políticas públicas. “O histórico da educação infantil e de sua implantação em áreas rurais incrementa as dificuldades de acesso à matrícula e soma-se às diversas

determinantes socioculturais e políticas”. (BARBOSA *et al.*, 2012, p.7-8).

Para ir ao encontro dessa temática, é importante compreender os diferentes significados de Educação do Campo e Educação Rural, pois de imediato parecem sinônimas, mas não são; tratam de perspectivas teóricas e práticas em conflito.

A Educação do Campo está situada nos marcos da equidade, justiça social e reconhecimento das diferenças e singularidades presentes no território. Como direito social a Educação do Campo fomenta de um modelo educacional e pedagógico em composição a cultura, saberes e dos modos de produção da vida da população do campo (SILVA, PASUCH, SILVA, 2012).

Por sua vez, a Educação Rural está envolvida por uma função instrumental de ocupação do território nacional, numa perspectiva colonizadora do interior do Brasil. Assim, seus projetos pedagógicos ignoram as singularidades presentes no modo de vida vinculadas ao contexto rural, em vista à adaptação dos conteúdos das escolas urbanas (SILVA, *et al.*, 2012).

A partir do exposto, entende-se que a implantação de uma creche em área rural possui características distintas àquelas situadas em território urbano, pois, frequentemente elas são atravessadas por processos de exclusão social, precarização e discriminação, sendo possível identificar distâncias significativas entre o que está previsto nas legislações brasileiras e a realidade vivida pelas crianças da Educação Infantil (ROSEMBERG, ARTES, 2012). Para melhor compreender essas nuances que nos interessamos em investigar a implantação de uma creche em um município de zona rural. Diante das particularidades da Educação Infantil do Campo, conhecer os significados e os impactos que a implantação da creche produz para o contexto da vida familiar de crianças de zero a três anos, possui a finalidade de lançar novos olhares para a Educação Infantil e suas relações com contexto de pobreza e desigualdade social presentes na vida social da zona rural. A este respeito, Rosemberg e Artes (2012, p.64) orientam que “estudiosos/ativistas da educação infantil necessitam olhar o campo, as crianças residindo em área rural; estudiosos/ativistas da educação do campo necessitam olhar as crianças de até 6 anos, particularmente os bebês”.

## **METODOLOGIA**

A creche estudada iniciou seu funcionamento em janeiro de 2015 e desde então 25 crianças concluíram a 1ª etapa da Educação Infantil nesta Creche, sendo 12 crianças em 2015 e 13 crianças em 2016.

A coleta dos dados ocorreu por meio de observação e entrevistas, no período de março a abril de 2017. As entrevistas são fundamentais para se obter informações sobre a realidade vivida pelo entrevistado (MINAYO, 2007; GASKELL, 2003). Foram

realizadas entrevistas por meio de roteiro previamente elaborado, a fim de favorecer aos participantes da pesquisa se expressarem livremente por meio da fala, não sendo necessário habilidades como escrita ou leitura para fornecer os dados que são pertinentes aos objetivos da pesquisa.

As entrevistas seriam realizadas com agendamento prévio, mas as participantes se disponibilizaram para fazê-las de modo imediato ao convite. Apenas uma que foi agendada. As entrevistas foram desenvolvidas na residência das famílias de crianças que já frequentaram a Creche e prosseguiram na segunda etapa da Educação Infantil. Estava prevista a gravação em áudio, no entanto, na primeira entrevista houve a recusa do uso deste recurso, pois a pessoa revelou constrangimento caso fosse gravado. Foi percebido que não gravar dava mais liberdade de fala, menos formalidade, favorecendo a coleta dos dados, por isso, optou-se por não gravar as outras entrevistas e realizou-se, assim, o registro manual. Todas consentiram em participar e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa, mostrando-se interessadas pela proposta apresentada.

As entrevistas foram realizadas com três famílias. O critério para a escolha dessas foi delineado por meio dos diferentes tipos de vínculos de trabalho que as mulheres possuíam, a fim de abranger a pluralidade dos modos de trabalho e renda existente na área rural e preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

Essa pluralidade de relações de trabalho ocorre porque as possibilidades de renda na zona rural são difíceis, a seca, por exemplo, gera muitas dificuldades para a produção agrícola e pecuária. Desta forma, muitos conseguem vínculos precários por meio de trabalhos eventuais em lavouras de pequenos proprietários ou na Usina Paineiras. Muitas pessoas encontram emprego na área comercial e administrativa do município ou em municípios limítrofes, mas, mesmo assim, permanecem morando na área rural. Os tipos de trabalho e vínculos empregatícios são diversos, como: funcionários públicos, lavradores, trabalhos domésticos, pedreiros e autônomos. Para muitos, o trabalho não é estável, com isso, os familiares possuem rotinas variáveis em função da distância entre casa e trabalho.

A escolha de entrevistar mulheres, mães ou responsáveis pelas crianças ocorreu a partir das observações de que uma das principais motivações para a inserção de crianças na Creche estava relacionado com o trabalho da mulher fora do lar, que gera longos períodos de afastamento do ambiente doméstico. Mesmo havendo certa emancipação feminina, a responsabilidade pela educação e cuidados das crianças ainda são atribuições frequentemente imputadas à figura da mulher. Estava previsto a possibilidade da participação masculina, mas em todas as entrevistadas não estavam presentes no lar.

As três entrevistas aconteceram em março de 2017 na residência das mulheres, responsáveis pelas crianças que frequentaram a creche. Para garantir o

anonimato e abranger a diversidade de relações de trabalho presentes no território, foi entrevistada uma mulher que possui vínculo formal de trabalho no âmbito do comercial (usaremos pseudônimo de Camila), outra que é funcionária pública (usaremos pseudônimo de Paula) e outra que realiza atividades doméstica do próprio lar (usaremos pseudônimo de Laura). Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **IMPLANTAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA CRECHE “VOVÓ JOSINA”**

A Prefeitura do município comprou um espaço físico, que anteriormente era domicílio, com o objetivo de implantar uma creche, atendendo crianças de zero a quatro anos, com funcionamento entre os horários de sete horas da manhã até as quatro horas e dez minutos da tarde. O espaço ainda se encontra em processo de adaptação para receber este público.

O município dispõe de servidores públicos, como: professores, pedagogo, azei<sup>1</sup>, auxiliar de limpeza, cozinheiro. Fornece alimentos suficientes para garantir as necessidades nutricionais das crianças; materiais pedagógicos; materiais de limpeza e higiene pessoal. A escola não possui recurso próprio.

O espaço físico não atende satisfatoriamente a circulação das crianças, pois não foi construído para a implantação de uma creche, porém há adaptações tornando possível seu funcionamento. Observa-se que os quartos da casa se tornaram salas em que se dividem as turmas de acordo com a idade, sendo espaços compactos, dificultando o desenvolvimento de atividades que demandam movimento. Dessa forma, as salas são utilizadas para o momento de dormir e de algumas brincadeiras, deixando as atividades que demandam maior espaço físico para serem realizadas na varanda e/ou no pátio.

Percebe-se também que a arquitetura não favorece espaços que proporcionem momentos de integração, visto a existência de um pavimento superior, separando algumas crianças de outras, tornando as salas locais de fragmentação. Por outro lado, o espaço do pátio permite integração, onde as crianças de diferentes idades se encontram e brincam na areia, desenvolvendo suas habilidades motoras e de socialização. Além deste, o refeitório é um local de encontro para os momentos de lanches e refeições, adaptado com mesas e cadeiras para a faixa etária das crianças.

O distrito em que se encontra a creche, é extenso geograficamente, assim, atende crianças que residem em distintas localidades, sendo a maioria distantes. Para que as crianças cheguem até a creche, os familiares necessitam de utilizar transporte próprio, pois o município não oferece o transporte público direcionado a

---

1. Refere-se ao servidor que realiza atividade de apoio ao docente.

esta demanda, dessa forma, os familiares se utilizam de motocicletas, bicicletas e carro para realizar tal transporte.

A motocicleta é o principal meio de transporte, sendo muito utilizado pelas famílias, porém apresenta reduzidas condições de segurança. Sendo as crianças ainda muito pequenas, alguns se utilizam de estratégias como prender ou amarrar a criança com tecido elástico ao motociclista. Não há uso de capacetes de proteção e é comum uma mesma motocicleta estar montada com até cinco pessoas, entre adultos e crianças. As estradas em sua maioria são pavimentadas. Compreende-se que a motocicleta é um meio de transporte de baixo custo, acessível às condições econômicas das famílias.

A problemática que envolve o transporte escolar para crianças da Educação Infantil do Campo está presente em diversas localidades de nosso país (SILVA, *et al*, 2012). As autoras apontam que o modo como ocorre o transporte traz implicações para a prática pedagógica, pois o espaço rural é caracterizado pelas longas distâncias e obstáculos geográficos. Essa peculiaridade presente no campo é identificada como uma especificidade da Educação Infantil, que precisa ser compreendida e cuidada, pois essas condições compõem o cotidiano da instituição tendo como horizonte a formação da política pública. De modo geral, a motivação da inserção das crianças na creche está fortemente vinculada a necessidades dos pais trabalharem, principalmente, em razão da progressiva inserção das mulheres no mercado de trabalho. Para muitos, o trabalho não é estável, sendo assim, os familiares possuem rotinas variáveis em função da distância entre casa e trabalho. A composição familiar também é heterogênea, as crianças pertencem a famílias formadas pela figura do pai e da mãe; apenas por um dos genitores; ou ainda pela família extensa, como por exemplo, avós.

Notou-se, no início do funcionamento da creche, certa resistência de alguns pais para se adequarem as normas exigidas pela instituição, como: horário de chegada e de saída das crianças. Observa-se que a existência da creche era uma realidade ainda muito nova e, por isso, a compreensão dela como uma instituição escolar portadora de regras e horários rígidos ainda não era muito clara.

Constata-se que a maior parte dos professores desta creche é de origem da Região em que se encontra a creche ou mora há muitos anos no território. Por esta razão, é possível analisar que conflitos entre a escola e as famílias são atenuados, porque há um conhecimento entre os sujeitos da comunidade escolar, anterior às relações institucionais. Ou seja, há vínculos construídos no âmbito da convivência comunitária, além da existência de parentescos consanguíneos, que geram relações de confiança entre os sujeitos que envolvem o cotidiano da vida institucional. Dessa forma, os conflitos dentro da comunidade escolar não são grandes, muitas vezes, apenas situados nas relações internas do funcionamento da creche, entre os

próprios trabalhadores. Conflitos cotidianos comuns do trabalho coletivo.

Por meio de contatos no âmbito da comunidade, percebemos as famílias expressam sentimentos de satisfação, confiança no serviço prestado e gratidão por ter um local e pessoas que cuidam das crianças enquanto estão trabalhando. Ressalta-se que as relações de vínculo e confiança das famílias com os trabalhares e professores extrapolam o contexto restrito da instituição escolar, pois, muitas vezes, as pessoas já se conheciam devido a outras relações; como serem vizinhas, parentes, descentes, local de trabalho e outros. Sem contar que, durante e após o período de convívio institucional há momentos de encontros sociais e relações comunitárias em ambientes distintos do educacional.

## **A CRECHE E A COMUNIDADE**

Pelo fato do território em que a creche está situada pertencer a zona rural, não há muitos espaços de lazer ou culturais, tais como: parques, teatro, cinema, biblioteca. Os momentos de cultura e lazer que existem na comunidade são: festas de aniversários, de casamentos, religiosas; encontros de famílias, entre comunidades; momentos de celebrações e instruções religiosas. A localidade não possui muitos comércios; com exceção dos bares, que são lugares de encontro, principalmente, do público masculino.

Como já exposto, as possibilidades de trabalho na zona rural são difíceis e encontram-se mais incertas devido à seca. Com isso, muitos possuem vínculos precários de trabalho nas lavouras ou na Usina Paineiras. Muitas pessoas encontram emprego na área comercial e administrativa do município ou em municípios limítrofes, mas, mesmo assim, permanecem morando na área rural.

O território possui implementação da Estratégia de Saúde da Família, que dispõe de Agentes Comunitários de Saúde que circulam as localidades visitando os domicílios, bem como médicos, dentistas e enfermeiros que atendem na Unidade de Saúde, localizada próximo a creche. Mesmo existindo esta proximidade física entre a Unidade de Saúde e a creche, não existem ações, atividades ou projetos de integração que permitam vínculos para além dos “muros” e “obrigações” institucionais de cada serviço.

Observa-se que não há abertura para momentos de atividades externa ao ambiente institucional da creche, nem mesmo o estabelecimento de vínculos com outros equipamentos do território ou serviços públicos de outra natureza. Assim, as atividades de recreação, lazer e cultura são desenvolvidas no interior da creche. Dessa forma, o pátio torna-se um espaço de grande importância para o desenvolvimento das crianças, pois ali elas se encontram, brincam, criam, partilham a cama elástica, o escorregador, a areia e alguns poucos brinquedos.



Durante os dois anos de funcionamento desta instituição, foi promovido pelos funcionários, em parceria com os pais dos alunos, a Festa da Primavera em 2015 e a Festa Junina em 2016, possibilitando momentos de abertura à comunidade, permitindo integração entre famílias de alunos, ex-alunos e das comunidades locais de modo geral. A Festa da Primavera aconteceu no ginásio de esportes próximo à creche e a Festa Junina no espaço físico próprio da creche. Estes encontros festivos podem ser considerados simbólicos para afirmação e reconhecimento deste espaço educativo perante a comunidade, bem como estreitamento dos vínculos entre a creche e as famílias das crianças.

Por outro lado, a partir destas caracterizações e contextos a qual a creche encontra-se envolvida, nota-se que em suas relações estruturais e organizacionais prevalecem a cultura da homogeneização (LEITE, 2016, S/D) que serializa e fragmenta as crianças em uma instituição com idades muito definidas. Observa-se que não há integração com as crianças da pré-escola ou do ensino fundamental, pois elas se encontram em escolas diferentes. Após esta separação, há uma outra segmentação que fragmenta as crianças no interior da creche dividindo as turmas de crianças por idade, entre zero a 11 meses e 29 dias; um ano a um ano e 11 meses e 29 dias; dois anos a dois e 11 meses e 24 dias; três anos e 11 meses e 29 dias.

Percebe-se que essas estruturas organizacionais são históricas, desenvolvidas a partir da necessidade de disciplinar e docilizar os corpos, para assim adequá-los à sociabilidade dos modos de produção do capital. Por meio destes mecanismos de controle, é possível exercer o poder e a vigilância sobre a vida.

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (FOUCAULT, 2011, p.142).

Outro aspecto da prevalência da cultura da homogeneização na prática pedagógica se manifesta pela ausência de interlocução do espaço escolar com outros espaços do território, que pode ser simbolizada pela cerca de aço que delinea a área pertencente a creche, estabelecendo separação, proteção de contato entre as crianças e a rua e o território.

Mesmo a creche funcionando em tempo integral, carece de novas relações que provam uma educação democrática, conectada com a cidadania e participação social, como atividades que integrem a vida familiar e social à aprendizagem, para

não dissociar o que se vive e do que se aprende, para também não criar processos que geram dicotomia entre teoria e prática.

Dessa forma, observa-se que o tempo integral nesta unidade de ensino ainda está limitado a uma ampliação quantitativa do tempo da criança na instituição e não voltada a promoção qualitativa de modos efetivos de integração entre escola e a produção dos diferentes modos de vida presentes no território. O tempo ampliado da criança na creche apresenta também funcionalidade aos pais e/ou responsáveis que precisam trabalhar e se sentem tranquilos por saberem que os filhos estão sendo bem cuidados.

A creche é um espaço que produz cuidado educativo para as crianças, pois além de garantir banho, alimentação e descanso, ela estimula a imaginação, a criatividade, o autoconhecimento, a socialização, a motricidade, a arte de brincar, entre outros. Sendo assim, percebe-se que as dimensões do educar e do cuidar estão correlacionados.

As dimensões de educar e de cuidar devem estar na perspectiva da proteção integral das crianças, como meio de garantir seus direitos fundamentais. Por isso, a creche torna-se também uma estratégia de garantia dos direitos humanos, principalmente, às crianças pertencentes a famílias marcadas pela pobreza e desigualdade social. Ao cuidar/educar dos filhos, a creche torna-se um local que dá apoio às famílias para buscarem estratégias de geração de renda e trabalho, bem como garantir, por exemplo, uma alimentação favorável ao desenvolvimento das crianças.

## **CONHECENDO ALGUNS SIGNIFICADOS E OS IMPACTOS DA CRECHE NA VIDA DAS FAMÍLIAS**

Ao se aproximar das mulheres, mães ou responsáveis, pelas crianças que frequentaram a creche foi possível perceber que a implementação desta gerou impactos positivos, à medida que trouxe melhores condições e possibilidades para as mulheres trabalharem; aumento da renda familiar; a integração entre as crianças favorecendo a socialização; tornando a creche um lugar de apoio para as famílias com suas crianças nos primeiros anos de vida.

Mesmo situada em área rural, as relações de trabalho nessa localidade são múltiplas, não predominando, principalmente entre as mulheres, o trabalho Agrícola ou pecuária. O território rural encontra-se em constante processo de transformação. Conectado às mudanças das relações sociais do capitalismo mundial, tendo acesso a informação e educação, a população rural busca outras formas de trabalho e renda, visto que, entre os pequenos produtores, o cultivo da terra vem demandando investimentos superiores aos rendimentos para garantia da subsistência.

Embora a densidade demográfica seja pequena, com vínculos comunitários formados pelas relações de amizade e parentesco, a partir das entrevistas pode-se perceber de modo mais nítido outras relações comunitárias, compostas por uma responsabilização acentuada nos pais ou responsáveis pela criança, ou seja, a proteção da criança como uma competência individual daqueles que assumem a função de cuidar.

É possível notar que as relações de confiança, ajuda mútua, solidariedade entre vizinhos e familiares acontecem com dificuldades, marcada por recusas, indisponibilidade de tempo, geradoras de um processo de dissolução das relações comunitárias em vista de modos de vida mais individualizados.

Nesse sentido, as famílias vêm se formando como unidades independentes das relações comunitárias, de controle rigoroso da natalidade gerando a redução do número de filhos, do trabalho assalariado, da migração e imigração, do controle da circulação dos adultos e principalmente das crianças na rua, já que esta se tornou local de risco em razão do fluxo e velocidade dos veículos. Assim, formando um conjunto de relações favoráveis a desintegração dos laços comunitários e/ou de relações comuns.

Nesse contexto, a implantação da creche passou a exercer um poder integrador entre as crianças e apoio às famílias na tarefa de cuidar e educá-las, havendo, assim, um compartilhamento das funções atribuídas de modo mais predominante aos pais, principalmente às mães.

Camila conta que quando não tinha creche simplesmente não havia possibilidade de trabalhar, “Eu não tinha como trabalhar, só comecei a trabalhar quando ela passou a ficar na creche”. Conta ainda que logo que implantou a creche o dia-dia mudou: “Eu ficava sozinha e dava vontade de buscar ela (a criança), passei a ter mais liberdade de resolver minhas coisas, ficava despreocupada para resolver minhas coisas”.

Paula, por sua vez, relata que quando não existia a creche “eu deixava com minha cunhada pagando e os dias que ela não podia, deixava com a sogra de grátis”. Desde que a criança passou a frequentar a creche o dia-dia da família mudou, tanto dela quanto do companheiro, porque com a creche “era preciso só organizar para levar e buscar e melhorou a renda, porque não precisava pagar ninguém”. A participante demonstra certo incômodo por causa desta necessidade de depender de parentes para cuidar do filho enquanto trabalhava.

Durante as entrevistas confirma-se que a importância da creche predomina na vida das mulheres, como nota-se na fala de Camila, que ao ser indagada se o dia-dia do pai da criança também sofreu alguma alteração, diz que “pra homem não faz diferença”. Ela analisa que a frequência da filha na creche não produziu impactos para o cotidiano do companheiro.

Por outro lado, Laura apresenta outras circunstâncias, relata que passou a morar nesta localidade no mesmo período que a creche foi implantada e que ficou surpreendida porque encontrou dificuldade de colocar a criança na creche quando morava na cidade e facilidade de matrícula na zona rural. “Não trabalho fora e logo consegui a vaga; assim que implantou a creche ele foi matriculado. Desde que passei a morar aqui não consegui trabalhar, é só serviço doméstico”.

Assim, a frequência da criança na creche está situada num processo de adaptação e mudanças no cotidiano da vida desta família. Sobre a inserção da criança na Educação Infantil, Laura diz que “melhorou bastante, ele aprendeu muita coisa, aprendeu mais na creche do que agora na pré-escola. Passei a fazer caminhada. Pensei até em desistir por causa da distância, mas era melhor para criança ir pra creche”.

Na entrevista com Laura surgiu conversa sobre o transporte escolar, pois a família reside em lugar distante da creche. Ela relatou que houve dificuldades para garantir a frequência da criança, já que não possui transporte para essa faixa etária, sendo dos pais ou responsáveis a atribuição de realizar o transporte. Ela conta que “no começo foi meio complicado, pegava o ônibus e voltava a pé, o problema era quando faltava água e tinha que voltar a pé com ele, ele logo cansava, muito pequeno. Mas depois compramos um carro, aí melhorou”.

Laura aponta a demanda de transporte escolar para as crianças da creche, principalmente, para as famílias que residem longe. O transporte escolar seria uma alternativa importante para o acesso das crianças à creche. Por vezes, os pais levam crianças menores de três anos em motocicletas, utilizando um cinto de tecido para prender a criança ou as crianças ao guia da moto (geralmente mais de uma criança numa mesma motocicleta). É possível notar várias estratégias não convencionais na locomoção entre a creche e a casa. Diante da precariedade e ausência do poder público, há processos inventivos, criativos e colaborativos para criar alternativas para enfrentar essas dificuldades, no entanto, insuficientes para superar as condições de risco. Observa-se silenciamento por parte das famílias quanto à reivindicação de transporte escolar.

As três entrevistadas apresentam por semelhança o perfil da criança ser filho(a) único(a) ou a única criança no âmbito do lar. Assim, para as participantes, a creche foi muito importante para o desenvolvimento da criança, principalmente, por favorecer a socialização e modificar convivência familiar. Camila percebe grande importância da Educação Infantil para filha, disse que a creche “evolui mais a criança, a criança fica mais independente; quando está em casa quer tudo na mão, comida na boca”. Identifica mudanças no desenvolvimento da criança, reforçando o trabalho da creche que deixa a criança mais independente, aprende a falar melhor e melhora as habilidades motoras, “ela pinta bem, faz o nome certinho, a letra certinha”.

Paula relata que “ele (o filho) desenvolveu muito a convivência com outras crianças, era muito tímido. Com a creche, tem com quem deixar, sem se preocupar em encontrar alguém pra deixar. Por causa dessa dificuldade, já teve dia que precisou cortar o dia (ponto do trabalho). Quando o filho ficava na casa da sogra, era difícil trazer ele, às vezes amarrava ele em mim pra trazer na moto e ele era muito pequeno. ” Ressalta, porém, que “o mais importante foi o desenvolvimento dele”. Observa-se que a creche está localizada muito próxima dessa família e a casa da sogra possui distância.

Paula analisa que a frequência da criança na creche trouxe mudanças em seu desenvolvimento, “melhorou a socialização, a fala, conhece cores, letras. Ele é muito tímido, mas diminuiu bastante, ficou mais independente, ele era muito garrado comigo, desapareceu um pouco. Agora até passou a querer tomar banho sozinho”.

Laura também conta que foi muito importante a inserção da criança na Educação Infantil, quando os filhos mais velhos eram crianças tinha receio de coloca-los na creche, mas percebeu que teria sido diferente se tivesse feito isso, seria melhor do que pagar alguém para cuidar deles em casa enquanto trabalhava. Sobre isso diz que a creche “foi muito importante, ele aprendeu coisas novas, foi muito produtivo, chegava em casa falando, perguntando as coisas, todo dia tinha coisa nova para falar, quando ensinava na creche sobre um tema, ficava fazendo perguntas em casa”.

Ao fazer uma comparação do modo de educar e cuidar da creche e da família, falou que “aqui em casa é tudo ele, sempre sozinho. Na creche com o monte de criança aprendeu a dividir”. Relatou que a partir das experiências da creche, a criança interage melhor quando chega outra criança na casa, chama para brincar, oferece brinquedos, porque aprendeu a partilhar, antes, sempre ficava brigando porque não aceitava dividir os brinquedos. Assim, ela apresenta satisfação e identifica mudanças no desenvolvimento da criança, como “aprendeu a contar, aprendeu a economizar água, aprendeu a compartilhar, muito bom!”.

Seguindo na perspectiva de conhecer as diferenças da forma de cuidar e educar da criança realizado pela família e a creche Paula diz que “buscava fazer como a creche fazia. Eu tentava fazer como a creche fazia, tentava seguir o ritmo da creche”. Esta fala chamou atenção à medida que se percebe a busca por referência de como educar/cuidar e principalmente por uma relação de respeito e cooperação para que o “como fazer” de ambos fossem o mais parecido, numa unidade, evitando que a criança se confrontasse com diferentes modos de ser cuidado e educado. Assim, a mãe procura proteger e cuidar da melhor forma possível o seu filho.

Ainda nessa tentativa de conhecer as percepções das famílias sobre as diferenças do modo de cuidar e educar da creche e da família, Camila diz que: “A criança com a mãe e o pai é uma coisa diferente, quando eu chego ela é mimada,

parece que mãe é boba. Mamãe fala assim: “você estraga a menina, quando você chega mima. Já na creche é mais educação porque consegue colocar limites, mãe tem mais dificuldades de colocar limites, faz mais as vontades”. Sobre as dimensões de cuidar e educar na creche percebe-se que “cuidar e educar na creche é uma coisa só”.

Do mesmo modo que a mãe Paula, a Camila tem apenas uma criança e vivencia a experiência de aprender ser mãe. Nota-se nessa fala uma supervalorização do modo de educar e cuidar da creche em detrimento de suas habilidades de educar. Esta valoração do ambiente escolar, relaciona-se a ressignificação do ambiente escolar, ocorrido após os anos de 1980.

As autoras Silva, *et al.* (2012) afirmam, neste sentido, que:

Vivenciamos, nas décadas de 1980 e 1990, a transição da Educação Infantil de uma perspectiva pautada no paradigma da necessidade, em particular da família e da mãe de centros urbanos, para um paradigma do direito da criança, a criança cidadã, sujeito de direitos. Trata-se do direito a processos de socialização complementares aos da família, que ocorrem em ambientes em que são potencializadas as interações entre crianças de diferentes e de mesma idade e que lhes permitem a vivência de experiências diversificadas nos processos de conhecimento do mundo, de seu entorno e de si mesmas. Essa transição marca o reconhecimento da importância da creche/pré-escola para o processo de formação humana da criança bem pequena, em ambiente coletivo especialmente organizado para educa-la (p.47).

Dessa maneira, retomamos a análise de que a creche exerce um mecanismo importante para produzir relações e vínculos comunitários frente aos processos de fragmentação e individualização gerados pela lógica do consumo, pela multiplicidade das relações de trabalho e debilidade das redes de apoio familiar e comunitárias. Ela produz novas relações, cria valores, linguagens, experiências de liberdade e autonomia, construindo novas realidades na vida das crianças e suas famílias, bem como produzindo para as crianças convivência comunitária mediada pela instituição creche.

Após as entrevistas, sem a mediação de pergunta específica, surgiram algumas falas que expressam sentimentos, significados e impactos que a creche produziu no território, manifestamos assim, algumas reflexões as entrevistas foram gerando.

Camila: “Gostei muito daquela creche, tem o horário do almoço, de fazer o dever, dormir, tipo um planejamento. A criança desenvolve na creche, aprende a conviver. Minha filha mudou muito”. Se referindo ao território diz que “a creche mudou muito aqui”.

Paula: “eu agradeço 100%, foi um alívio, eu dependia totalmente da creche”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da creche na zona rural, representa a ampliação dos serviços públicos educacionais na área rural, onde os recursos e serviços públicos historicamente foram mínimos em comparação às localidades urbanas. Por isso, a creche estudada contribuiu para a valorização da localidade rural, em que os moradores passaram a sentir satisfação de ter este tipo de serviço disponível na comunidade.

Como vimos, a creche tornou-se estratégia para proteção e promoção dos direitos das crianças. Mas, por outro lado, as precárias condições de transporte que algumas famílias dispõem para locomover as crianças, sinalizam situações de riscos, dando visibilidade às condições de pobreza e desigualdade social presente no território. A ausência de movimentos reivindicatórios - seja por parte das famílias ou dos trabalhadores da creche - para atender a essa demanda, reflete a escassez de experiência de acesso aos direitos sociais e de relações marcadas fortemente pelo clientelismo e paternalismo. Dessa maneira, para algumas famílias, a creche representa uma ajuda ou um benefício fornecido pela prefeitura, distanciando-se da concepção de direito social.

Frente as mudanças das relações comunitárias, a creche contribuiu para a formação de um espaço de apoio às famílias permitindo a possibilidade da mulher trabalhar ou trazendo tranquilidade para exercer suas atividades laborais fora do ambiente doméstico. Essa instituição escolar produz destaque à medida que gera integração entre crianças e famílias, permitindo relações coletivas, novas experiências de vida, favorecendo de modo significativo o desenvolvimento psicológico e social das crianças de zero a três anos de idade.

Há potencialidades para a creche desenvolver relações mais abertas com o território, rompendo com as estruturas de uma cultura de homogeneização que isola e fragmenta. Embora a creche desempenhe cotidianamente encontro entre as crianças e tenha desenvolvido festas abertas à comunidade, a produção de vínculos e pertencimentos podem ser repensados para estreitar as relações com o território e permear o cotidiano da vida escolar.

Assim, as práticas pedagógicas podem se expandir para as comunidades ou localidades em que as crianças residem, conhecendo o ambiente rural, apreciando a natureza, os animais, as plantas e as formas de produção típicas do território. Promovendo assim, a valorização do território e as potencialidades para a emancipação dos sujeitos, à medida que a vida e a realidade escolar deixam de ser espaços separados e/ou desarticulados. Sabemos, porém, que não se trata de uma tarefa fácil, pois estão em jogo forças que direcionam um modo de se fazer educação. Os desafios são construídos, apostando que novos modos de vida são possíveis.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; SILVA, A. P. S.; PASUCH, J. **Oferta e Demanda de Educação Infantil no Campo**. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Currículos e Educação Integral; Coordenação Geral de Educação Infantil; Porto Alegre: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul -Faculdade De Educação, 2012.

DIDONET, V. Creche: a que veio, para onde vai. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Vol. 18, n. 73, p.11-28. Brasília: INEP, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 39ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

GASKELL, G. (2003). Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 516 p.

LEITE, L. H. A. Escola: Espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza. In: **Curso de Educação, Pobreza e Desigualdade Social**. Brasília: Ministério da Educação. Plataforma Moodle. S/p. 2016.

LUZ, I. R. Educação Infantil: Direito reconhecido ou esquecido? **Linhas Críticas**. V. 12. n. 22, p. 41-58, 2006.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; DIDONET, V. **Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. Brasília: UNESCO, 2011.

ROSEMBERG, F.; ARTES, A. O rural e o urbano na oferta de educação para crianças de até 6 anos. In. BRASIL. **Oferta e Demanda de Educação Infantil no Campo**. Ministério da Educação. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul -Faculdade De Educação. Porto Alegre, 2012

SILVA, A. P. S. da. PASUCH, J. SILVA, J. B. da. **Educação Infantil do Campo**. Coleção Docência em Formação: Educação Infantil. 1ª Edição, São Paulo: Cortez, 2012.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Análise dialógica do discurso 10, 11, 12, 233

Aprendizado 5, 25, 48, 70, 73, 106, 126, 127, 129, 173, 187, 220, 285

Aprendizagem 2, 5, 6, 11, 13, 15, 21, 24, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 67, 69, 71, 72, 80, 84, 87, 88, 92, 93, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 118, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 134, 140, 163, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 211, 213, 214, 218, 224, 225, 227, 230, 231, 246, 256

Atividade física 98, 99, 100

Autonomia universitária 59

AVA 42

Avaliação 17, 19, 20, 22, 24, 42, 45, 46, 53, 54, 57, 72, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 133, 134, 136, 138, 139, 145, 146, 147, 149, 174, 194, 195, 196, 204, 205, 206, 207, 222, 223, 225, 230, 233, 238, 246, 248, 257, 285

Avaliação da aprendizagem 106, 112, 246

### B

Biografia 19, 20, 27, 59, 63

### C

Capacitação 86, 142, 143, 144, 152, 227

Cérebro 126, 127, 129, 130

CITECS 142, 143, 144, 145, 147

Cognitivo 23, 25, 126, 128, 129, 130, 215, 277

Competências 5, 45, 84, 85, 92, 96, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 124, 129, 142, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 226, 228, 229, 230, 234, 237, 238, 240

Compreensão de leitura 246

Conhecimento 11, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 31, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 58, 71, 74, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 95, 103, 106, 117, 118, 119, 120, 122, 129, 133, 134, 140, 143, 147, 153, 161, 168, 178, 187, 193, 208, 209, 210, 212, 213, 215, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 227, 231, 234, 238, 241, 251, 256, 271, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286

Coordenação pedagógica 38, 39, 47, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 176, 228

Criatividade 6, 24, 99, 146, 164, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 210, 218, 226

Currículo 4, 13, 29, 44, 57, 78, 83, 86, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 113, 137, 171, 177

## D

Desenvolvimento 5, 6, 11, 14, 17, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 32, 35, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 84, 85, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 117, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 134, 137, 139, 142, 143, 144, 147, 148, 151, 155, 157, 160, 162, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 213, 216, 222, 226, 227, 230, 231, 243, 246, 247, 253, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 279, 287

Dialogismo 233, 234, 238, 259

## E

Educação básica 4, 10, 31, 40, 42, 47, 55, 88, 89, 90, 94, 95, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 170, 187, 232, 240, 243, 287

Educação científica 95, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 125

Educação criativa 171

Educação de jovens e adultos 28, 29, 34, 40, 41, 97

Educação democrática 1, 163

Educação do campo 98, 100, 158

Educação Infantil 44, 46, 47, 56, 57, 112, 130, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 167, 168, 170

Educação infantil do campo 155, 158, 161, 170

Educação musical 276, 285

Educação profissional 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97

Empreendedores 86, 142, 143, 144, 145, 147

Ensino fundamental 9, 27, 44, 46, 47, 56, 84, 88, 90, 95, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 125, 130, 163, 177, 179, 180, 209, 211, 222, 246, 247, 257

Ensino médio integrado 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 93, 95, 96

Escrita 12, 17, 20, 24, 26, 78, 108, 118, 120, 121, 124, 127, 132, 139, 149, 159, 177, 178, 210, 213, 217, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 236, 237, 239, 248, 250, 256, 258, 259, 286

Especialização 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 151

## F

Formação continuada 27, 28, 29, 31, 32, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 88, 92, 93, 96, 136, 139

Formação de gestores 28, 91

Formação de professores 42, 44, 53, 57, 58, 73, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 114, 116, 117, 125, 224, 287

## **G**

Gênero discursivo 233, 234, 236, 237

Gestão democrática 28, 29

## **H**

Hábitos culturais 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208

*Habitus* professoral 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82

Hegemonias 1, 2

História da educação 73

## **I**

Improvisação 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274

Inclusão social 65, 71, 118, 119, 177

Iniciação científica 114, 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125, 134

## **J**

Jazz 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Jovens estudantes 194, 195, 198, 199, 205, 206, 207, 208

## **L**

Leitura 11, 17, 20, 21, 22, 36, 55, 77, 108, 121, 127, 149, 159, 177, 198, 199, 206, 207, 216, 219, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 234, 239, 240, 243, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 256, 257, 264

Lirismo 258, 262, 263

Literatura Alagoana 258, 259

## **M**

Música popular improvisada 265, 274, 275

## **O**

Oficinas 50, 80, 226, 228, 230

## **P**

Pedagogia da autonomia 1, 5, 8

Pedagogia histórico-crítica 10, 11, 12, 27

Percepção 6, 18, 20, 21, 25, 66, 68, 100, 114, 122, 123, 124, 125, 149, 173, 193, 197, 220, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286

Performance 115, 246, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 274

Poesia 24, 216, 258, 259, 260, 264

Prática esportiva 64, 65, 67, 68, 71

Práticas escolares 1, 8, 44

Práticas pedagógicas 3, 4, 42, 44, 58, 78, 169, 171, 173, 175, 176, 177, 178

Processo criativo 171, 172, 173, 176, 177

Produção textual 227, 228, 230, 231, 233, 234, 237, 244, 245, 256

Psicanálise 131, 132, 135, 136, 137, 139, 141

## **R**

Redemocratização 59, 60

Reescrita 24, 226, 228, 231

## **S**

Saúde 33, 41, 62, 68, 98, 99, 100, 101, 109, 116, 124, 132, 135, 136, 139, 152, 162, 213, 214, 272

*Storytelling* 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

## **T**

Teste *cloze* 246, 248, 249, 254, 257

TIC 42, 43, 44, 45, 55, 57

Trajetórias escolares 114

## **V**

Vínculos sociais 155

Voleibol 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72

# **A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura**

# 4

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

# 4

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 